



A Illustração Portuguesa
SEMANARIO
REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por J. Lima;—*A propósito da Franca Julia*, por Pinheiro Chagas;—*O pudor e o amor*, por Luiz Ulbach;—*Fatalidade*, conto, por Duarte Cid;—*Chronica dos theatros*, por E. de C.;—*As nossas gravuras*;—*Contos beirões*, por Alberto Osorio de Castro;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*Nova leitura*, versos, por Alberto Osorio de Castro;—*A morte de Cesar*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*Francisco Simões Carneiro*;—*Um desastre no mar*;—*Na loja do sapateiro*;—*Tipos da Assinia*;—*Frédéric Archer*.

CHRONICA

E casaram!

Apesar de tudo e apesar de todos, eil-os por esse mundo fóra. *bras dessous, bras dessus*, na deliciosa *promenade* a que indefinidamente se reduz a contradança da vida, desde que a gente, com exquisita pompa, se compromette perante o marcador a nunca mais *changer de dame*.

En avant, pois. E oxalá que nunca se arrependam, oxalá, sobretudo, que d'ora avante dancem um pouco melhor.

De resto, boda molhada, boda abençoada, e sobre a vossa, meus filhos, cahiu teimosamente a chuva. Foi fresca.



FRANCISCO SIMÕES CARNEIRO

Lisboa, que ha tanto tempo permanecia lethargica, como que dominada pela influencia hypnotica da sem-saboria, Lisboa, que bocejava escandalosamente á luz d'um sol vivificante e alegre, eil-a que despertou emfim, n'um dia carrancudo e triste, precipitando-se nos Martyres, onde não ia levar aos pés de Deus nenhuma prece humilde, mas simplesmente gosar da festa annunciada, que, pelos modos, transformava o templo n'uma especie de pagode japonéz!

E ahí ficou demonstrado que, por muito Fernandes que uma pessoa seja, a celebridade é sempre facil de attingir, principalmente quando se é collaborador de dois ou tres jornaes e de varios outros periodicos. O sr. Fernandes foi alvo de uma ovação sincera por parte da população lisboeta, que assim lhe quiz provar a sympathia que tem pelo seu infatigavel espirito de Marcos Maria, reconhecendo-lhe para sempre os pergaminhos aristocraticos, garantidos agora por um brazão especial—machina simples, em fundo *Jornal do Commercio*.

A noiva foi tambem muito applaudida, e toda a emoção que semelhante facto possa ter-lhe produzido, deve agradecer-lhe a seu pae, que desde muito tempo lhe confia a parte mais saliente e mais original nas *réclames* espaventosas da *Maison de France*.

Ha bons treze annos, e era então a gentil noiva uma creança encantadora, levou-a seu pae Fernandes a representar o papel de anjinho n'uma saída procissional do Senhor aos entrevados da freguezia de Santa Justa e Rufina. E um diario, referindo-se ao caso, noticiava assim:

«Leva a gentil menina, symbolo de caridade, vestido de faille azul claro, com outro de tulle branco aventalado adiante, com finas pedras, e um manto branco preso na cabeça por um diadema de pedraria e semeado de estrellas d'ouro, de lindo effeito.

«Esta devoção do sr. Fernandes, que ha quatro annos successivos tem levado a sua filhinha vestida de anjo n'aquelle acto religioso, offerece no presente anno uma novidade elegante, e que de certo será do mais apurado bom gosto, se attendermos ao extremo paternal do sr. Fernandes, e ao esmero e apuro de todos os trabalhos do seu estabelecimento, onde é variadissimo e primoroso o sortimento de tudo quanto respeita a enfeites de senhora.»

Declaro piedosamente que nunca vi *réclame* mais desenfeitada, nem mais aventalada adiante.

Ramalho Ortigão, que então escrevia as *Farpas* e que tinha o pessimo costume de não tomar a serio coisas ridiculas, sem fazer segredo de semelhante coisa, sahiu a proposito com este par de bandarilhas:

«O' dôce Jesus, eterna bondade simples e infinita como o Ceo! aqui tendes como elles a comprehendem, na freguezia de Santa Justa e Rufina, a caridade, a pobre e modesta caridade que vós mandastes definir por S. Paulo com aquella palavra tão inspirada e tão bella: —O amor dos corações puros e das consciencias boas!

«Comparaes, ó Jesus, a descripção dos vossos antigos anjos feita por Santo Ignacio — *incorporeas mentes* — com esta descripção que nos apresentam dos vossos anjos modernos!

«Que dirão os cherubins, os seraphins e os archanjos, que dirão Miguel, Raphael e Gabriel, elles nus, sem mais *toilette* que as suas longas azas candidas, ao verem junto de si nas chorças sidereas o novo anjo—Almeida Fernandes?

«Como ficarão vexados e humilhados no Ceo—os outros—quando o cherubim Almeida lhes apparecer com as tranças torcidas a ferro, com vermelhão nos beiços, e o seu vestido aventalado adiante, e contar que foi o papá Fernandes quem o arranjou assim para elle representar diante dos homens a imagem da caridade!

«Oh! mas realmente, é um bom quinau dado pelo sr. Fernandes no Creador! Lição terrivel de elegancia e de *chic* ministrada a todo o reino dos Ceos pela Travessa de Santa Justa! Nem a Baixa calcula talvez a grande importancia que isto vae dar ao estabelecimento do sr. Fernandes—no Empyreo!

«Pela nossa parte não nos maravilhará extraordinariamente que o sr. Fernandes, proseguindo nas suas conquistas sobre o territorio divino, acabe por ajuntar ao seu estabelecimento de modas uma succursal da côrte celeste, e que, depois de converter a sus familia em anjos de tulle, elle mesmo acabe por apparecer aos seus freguezes transfigurado em Deus... de filó!

«E então, para nos entendermos com s. s.^a sobre os objectos do seu commercio, teremos, ao entrar na sua loja, de nos ajoelharmos, de batermos no peito e de exclamarmos com attrição verdadeira:

«Eu peccador me confesso a Fernandes todo poderoso de que preciso um par de ceroulas de linho de Irlanda, e por tato lhe dirijo humilhante minhas fervorosas preces para que desça das alturas e venha a nós—para nos tomar a medida. *Amen.*»

Não posso afirmar que o sr. Fernandes tenha mandado as ceroulas a Ramalho Ortigão. E' certo porem que deu sorte, como dizia o povo inconsciente.

D'aqui tambem se deduz que não é d'agora a celebridade do sr. Marcos Maria, e que não foi agora pela primeira vez que elle levou sua filha a representar na grande scena do mundo um papel positivamente de primeira ordem.

D'esta vez, foi mesmo um quasi nada pandego. Até me convenço de que a pobre senhora, em meio aliás de uma comitiva brilhante, e apoiada no braço de um commendador que deve ser uma excellente pessoa, talvez sentisse saudades do tempo em que distribuia esmolas aos pbres da freguezia de Santa Justa e Rufina, saudades sobretudo do seu vestido aventalado adiante.

E, digam lá o que disserem, não é por estes annos mais chegados que se ha de apagar do espirito lisboeta a recordação de tão faustoso acontecimento. Esta boda tem de viver largo tempo nitidamente impressa na memoria do publico, quando mais não seja, para padrão de muitas outras bodas a que teremos de assistir, rindo menos de certo, mas considerando-as talvez pouco mais opulentas e pouco menos ridiculas do que esta.

Um casamento faustoso ficará sendo para sempre um casamento Fernandes, exactamente como um casamento á *capucha* difficilmente deixará de ser um quasi nada Soriano.

De resto, não será d'estrnhar que o sr. Marcos da *Maison de France* busque vingar-se em breve dos seus desgostos actuaes, rindo tanto á custa dos outros como riria agora á sua propria custa, se possuísse o espirito de Proudhon combinado embora com a sua tineta nobiliarchica. Basta que invente certa moda em que futuras noivas devam levar sobre o toucado, em vez da flôr de laranjeira que rebaixou a ornamentação de chicotes, uma laranja, por exemplo. Ou uma batata.

Emfim, sr. Fernandes, eu não fui dos que mais gosei a proposito da festa publica em que v. s.^a teve a habilidade de transformar a sua festa de familia.

Não assisti, creia. E' tenho pena agora. Não porque me falem n'este valle de lagrimas occasões de rir, pelo contrario, para vêr se lhe descobria no rosto vestigios da magoa que lhe deviam ter causado as palmas com que saudavam na passagem a comitiva nupcial.

Porque afinal sua filha é uma senhora, e tinha o direito de exigir-lhe, do mesmo modo que ao seu futuro commendador, o respeito que a uma senhora se deve. E não teve isso.

E' realmente lastimoso que esse bonito enrêdo começado entre o *Hotel Francfort* e a *Maison de France*,

viesses a terminar nos Martyres com tão pequena poesia. Pois não seria mais romantico um rapto, pela calada da noite, sem dizer nada a ninguém? Mais romantico e menos ridiculo?

No dia do desastre, com boa vontade e um comboio expresso, estariam a muitas leguas de distancia, e o papá Fernandes, em vez de preparar-se para receber tantissimos ministros por quem debalde esperou, envergaria uma quinzena de viagem para correr ao encontro de seus filhos, n'uma aldeola qualquer, onde o casamento poderia realisar-se, longe, bem longe do *Jornal do Commercio*.

Nada d'isto quizeram, nada disto fizeram, e arrosaram corajosamente a ovação que os acompanhou durante todo o dia. Pois que lhes faça bom proveito.

Adeus, sr. Fernandes.

J. LIMA.

A proposito da França Judia

Um dos mais curiosos livros que se tem publicado ultimamente é de certo a *França judia* ou a *França judaica* de E. Drumont. Espanta-se o leitor de que em 1886 se possa ouvir em plena civilização este grito selvagem de odio a uma raça, de rancor a um povo! Não se póde perceber como é que um escriptor de talento, e uma consciencia illuminada pelos clarões humanitarios possa applaudir as medidas mais odiosas dos antigos reis de Hespanha e de Portugal, dar palmas á Inquisição, e prégar a intolerancia com uma energia verdadeiramente inacreditavel.

Que impressão deixa afinal de contas na alma esse livro estranho e singular, e a quantidade de documentos e de factos accumulados pelo notavel escriptor? Deixa-nos a impressão de que ha effectivamente hoje, como tem havido sempre, mas hoje mais do qua nunca, uma «internacional doirada» segundo a phrase feliz de Bismarck. E' possivel effectivamente que n'essa internacional abundem os membros judaicos, mas podem banil-os ou queimal-os que sempre ha-de haver no mundo quem explore o suor alheio, quem sugue com a usura a seiva da agricultura e da industria. A *aranha de ouro judaica*, perdendo as suas patas semiticas, perde sem duvida um grande numero d'ellas. Cortem-lh'as porém, e verão como renascem aryanas.

As investigações multiplicadas a que se entregou porém E. Drumont habilitam-nos a fazer um estudo curioso ácerca d'esse grupo de judeus portuguezes, que as *sabias* medidas dos nossos reis fizeram com que se refugiassem em França e na Hollanda. Diz o sr. E. Drumont n'esse ponto com um singular desconhecimento da historia, que a expulsão dos judeus de Hespanha foi a sabia medida com que a Hespanha preludiou ás grandezas do tempo de Carlos V. Pois não! tanto a Hespanha como Portugal déram-se muito bem com essas *sabias* medidas, e a França e a Hollanda deram-se muito mal com as medidas contrarias! O que é a cegueira de uma paixão!

Um dos judeus portuguezes mais celebres que viveram em França foi um tal Lopes, que ali esteve no tempo de Henrique III, Henrique IV e Luiz XIII. O homem sustentava que não era judeu, e comia todos os dias carne de porco, mas a sua existencia é effectivamente uma existencia semitica. Era um verdadeiro fura-vidas. Henrique IV quiz aproveitá-lo, e aproveitar as relações que o homem parecia ter com os Mouriscos de Hespanha, para levantar algumas difficuldades ao rei Philippe III. Para esse fim pôl-o em relação com o duque de La Force, e começaram ambos a trabalhar n'uma insurreição dos Mouriscos.

A morte do rei poz termo a essas tentativas, e Lopes passou a ser negociante de diamantes.

Quando porém subio ao poder o cardeal de Richelieu, este esperto ministro percebeu o partido que podia tirar do esperto Portuguez, encarregou-o de varias negociações, mandou-o á Hollanda comprar uns navios, e, como elle, graças ás suas relações com os judeus da Hollanda, pôde fazer o negocio em excellentes condições á sua volta a Paris foi nomeado conselheiro d'Estado.

Esta nomeação não deixa de surprehender um pouco porque Lopes, apesar da sua alta situação, não deixou de ser alvo de mil zombarias, e de ser tratado com o desprezo que sempre os Judeus encontraram até nas sociedades onde são mais bem acolhidos. Ainda hoje qualquer allusão á origem judaica de um individuo é considerada como um motejo.

Mas o cardeal de Richelieu queria ter no conselho d'Estado pessoas que lhe fossem completamente dedicadas, e ninguém era mais completamente servil do que este pobre Lopes, que tratava los seus interesses, no meio das suas grandezas, mas que se conservava ainda assim um servidor honrado. Assim na sua viagem a Hollanda procedeu honestamente, e fez uma negociação

muito economica para o Estado, mas ao mesmo tempo comprou em Hollanda uma grande quantidade de objectos das Indias, que depois vendeu em Paris arranjando um bazar que foi muito concorrido pela nobreza. Foi o bazar do conselheiro de Estado Lopes.

O cardeal de Richelieu tratava-o no meio de tudo como um bobo. Um dia mandou-lhe buscar a Rueil todas as suas pedrarias, porque as queria ver, e mandou postar no caminho um bando de fingidos ladrões com ordem de o assaltarem e de lhe tirarem as joias. Assim se fez, e o pobre Lopes apanhou um susto de tal ordem que, segundo conta Tallemant des Réaux na sua linguagem muito gauleza, apenas chegou a Paris teve necessidade de mudar de camiza, porque a que vestia vinha n'um estado deploravel.

O susto que Lopes apanhou não teve só estas consequencias comicas. O pobre homem esteve doente devéras, a ponto de Richelieu se arrepender da peça que lhe tinha pregado. Para o consolar, concedeu-lhe a honra de jantar á sua meza, honra n'esse tempo muito cubiçada.

Contam-se muitas anedoctas provando que não era só o cardeal de Richelieu que se divertia com o Lopes.

Uma vez encontrou-se o conselheiro Lopes com um bispo a uma porta. Lopes cortezmente quiz-lhe ceder o passo, mas o bispo empurrou-o, dizendo-lhe, no meio das gargalhadas dos circumstantes:

—Siga, siga, sr. Lopes. O Velho Testamento vae ser preadiante do Novo Testamento.

Outra vez Lopes, que não perdia o costume de ferro-velho, e que vendia tudo o que podia vender, apesar de ser conselheiro d'Estado, e de jantar á meza do cardeal de Richelieu, pedia um preço um pouco alto por um crucifixo.

—Muito mais barato venderam vocês o original! disse-lhe um cassoista.

O que é certo é que, apesar de todas as cassoadas, Lopes fo arranjando fartos haveres, um palacio em que morava, e onde morreu em 1649.

Outro judeu portuguez de que E. Drumont nos dá largas informações é um tal Peixoto, que tinha nascido em Bordeus em 1741. Em 1761 visitou a Hollanda e a Inglaterra, e casou em Londres com uma judia portugueza chamada Sara Mendes.

Quatorze annos depois Peixoto, com pretextos frivolos, separou-se d'ella. Segundo contam os chronistas do tempo, o nosso patricio tinha uns vicios que lhe faziam talvez odiar o casamento.

Na Opera estava um tal Michu, que, segundo parece, era escandalosamente protegido pelo Peixoto. N'uma dissidencia, que teve com os seus cassoadores, um d'elles chamado Volange, homem extremamente engraçado, disse-lhe:

—Oh! sr. Michu, se eu não respeitasse o seu sexo, eu lhe diria.

Este Peixoto, assim como se tinha separado da mulher, tambem se quiz separar da religião de seus pais, e foi-se baptisar a Hespanha. Depois, quando voltou, offereceu a uma igreja um quadro commemorativos da sua conversão para que se pozesse no altar-mór. O prior não quiz consentir em semelhante coisa; Peixoto sustentou que tinha esse direito, porque pertencia a uma familia de *cohens*, quer dizer de padres-reis. Não deixa de ser curiosa esta pretensão de um convertido, querendo que lhe levem em conta no catholicismo os seus privilegios hebraicos.

A Revolução é que o attendeu, porque, apenas se fundou a republica, attendendo ás pretensões que este Peixoto sempre manifestára, ferrou-lhe uma multa de um milhão e duzentos mil francos ou duzentos e dezeseis contos de réis, que, se não o aruinou completamente, não devia deixar de dar nos seus haveres um bote formidavel.

Typo muito mais sympathico do que este abjecto Peixoto é de certo Jacob Rodrigues Pereira, o famoso protector dos surdos-mudos, homem de sciencia e de caridade, a quem o rei de França concedera uma pensão, e que era syndico dos israelitas portuguezes de Paris.

Os descendentes de Jacob Rodrigues Pereira foram aquelles famosos irmãos Péreire, celebres e importantes capitalistas.

De outras familias judaico-portuguezas ha ainda hoje descendentes em França, que representam um papel mais ou menos importante nas letras ou na politica. Nas letras o mais notavel de todos é de certo Catulle Mendes, author de alguns romances admiravelmente escriptos, mas de uma tendencia deploravelmente immoral.

Tambem na Communa figurou o membro de uma antiga familia judaico-portugueza Dacosta, ou antes da Costa.

A grande familia hebraica espalhada pelo mundo, divide-se hoje essencialmente em dois ramos—os judeus portuguezes, e os judeus allemães. Diz o sr. Drumont que a familia judaico-allemã é mil vezes mais funesta e mais terrivel do que a familia judaico-portugueza, e que não ha comparação entre o dominio que exerceram por algum tempo na finança franceza os Pereire ou os Peireiras, ea que hoje exercem os Rothschild, os Camondo, os Ephrussi.

Realmente, sem desconhecer quanto tem de antipathico o genio semitico, é impossivel commungarmos nas opiniões de E. Drumont, e não podemos deixar de lamentar que os nossos antigos governos derivassem de Portugal para o estrangeiro essa corrente fertilisadora, que foi a Bordeus, a Amsterdam e a Londres levar os seus capitães e o seu trabalho.

Demais não se pode desconhecer que a raça judaica, ao lado de um grande numero de usurarios, produziu tambem homens que não fizeram do oiro o seu culto exclusivo, e que trabalharam no progresso da humanidade, e no culto divino da arte. Pois o grande philosopho Spinoza, o general dinamarquez Mesa, um e outro oriundos de familias portuguezas, não foram homens que tiveram acima de tudo o culto austero—o primeiro da sciencia pura, e o segundo do dever militar? aquelle entregando-se ás mais altas locubrações que podem preoccupar o espirito humano, o segundo affrontando serenamente a morte para salvar na lucta desigual contra os exercitos allemães a honra e a dignidade da Dinamarca?

Não encontramos na litteratura hollandeza Isaac da Costa como um dos seus primeiros escriptores, na musica allemã Moysés Mendelssohn como um dos seus mais inspirados compositores, na arte franceza as duas primeiras tragicas d'este seculo Rachel Felix e Sarah Bernhardt?

Não, o livro de Drumont, é injusto quando se dirige contra uma raça, é justamente flagellador quando fustiga uma seita, a seita da aranha de oiro de que são judeus os grãos-sacerdotes, mas que recruta n'outras raças uma grande parte do seu clero.

PINHEIRO CHAGAS.

O PUDOR E O AMOR

Eugenia Erdossi era cantora de operetta em um theatro de Berlim.

Bonita, simples, trabalhando todo o dia, afim de preparar-se para o trabalho da noute, não solicitando homenagens, não recebendo nenhuma que não fosse devida ao seu talento, alugara um quarto em uma casa particular, e ahi brincava, muitas vezes, infantilmente, com as creanças, filhos dos donos da casa.

Julgavam-a destituida de sensibilidade; mas quando um dia um bello official de cavallaria, pertencente a uma familia aristocrata, a complimentou na rua, proferindo o seu nome, Eugenia corou, sentindo-se perturbada, e balbuciou:

—Ousaria o sr. casar commigo?

O fidalgo, colhido de surpresa pela ingenuidade d'essa resposta, jurou sobre os seus antepassados e sobre a sua espada, que não alimentava outra ambição, e a doce Eugenia, estendendo-lhe a mão, replicou:

—Muito bem! A partir d'este momento, somos noivos para a vida e para a morte!

A toutinegra pediu licença ao seu empresario para não tornar a cantar. Afigurava-se-lhe que o silencio e o repouso, estabelecendo um intervallo entre a sua vida de actriz e a sua existencia de mulher casada, approximal-a-hiam mais do noivo que queria desposar-a.

Confiando na palavra empenhada, Eugenia esperou.

Como conseguiu ella entreter a sua expectativa, sem lhe ceder a posse desejada?

E' esse um segredo, que eu ignoro, e que, de resto, não aproveitaria ás virgens dos palcos.

A prova do superior encanto de Eugenia, reside principalmente na reserva que ella impoz ao seu noivo.

Seu noivo! Parece que este titulo acabou por desagradar ao brilhante official. Escarneceram-o nas *brasseries*, metteram-o a ridiculo nas salas de Berlim. Fingiram acreditar, primeiro, ou antes acreditaram de boa fé, que o official era o amante da actriz, e quando elle jurou, sobre os seus antepassados e sobre a sua espada, que nada obtivera da sua noiva, além da promessa de casamento, provocaram-o a deshonrar aquella que o official queria honrar com o seu nome. Como não conseguisse seduzir a creança que o adorava, não querendo passar por tolo, cançou-se de a estimar e começou a calumniar-a.

*

A decepção foi horrivel para a pobre Eugenia.

Entretanto, nem por isso diligenciou prender, pelo abanão de si propria, o ingrato que lhe fugia.

Não queria, nem mesmo admittindo a possibilidade de ser feliz, perturbar com a menor mancha o seu candido sonho a amor.

O idyllio, que se esboçara nos bastidores e que Eugenia queria acabar ao ar livre, na vida, ergueu-se mais alto, arrastando-a.

Como Werther, para permanecer fiel ao seu amor, mas com mais razão e altivez do que Werther, Eugenia resolveu matar-se.

A morte, em tal caso, é o castigo de uma illusão; é raro que seja a vingança, a menos que se não possa suppor no ingrato que sobrevive uma paixão latente.

Creio, por exemplo, que Desdemona, aterrada com os furores de Othello e apunhalando-se, legaria um eterno remorso a seu barbaro ciumento.

Mas a infeliz não confiava, de maneira alguma, na dor que o seu suicidio despertaria.

Deliberou, por conseguinte, testemunhar a sua pureza, alem da morte, provando assim que o seu desertor era um cobarde e esbofeteando-o com as suas cinzas.

*

Uma noute, tendo tomado todas as necessarias precauções, e depois de escrever o seu testamento, Eugenia Erdossi subiu para uma carruagem e dirigiu-se a *Thiergarten*.

Ahi, escolheu um sitio isolado, em seguida apontou um revolver á cabeça e disparou.

Ao ruido da detonação, correram. Eugenia ainda respirava. Viveu um dia, e na sua agonia repetia sem cessar: Não me salvem! Não me salvem!

Depois de morta, acharam-se tres cartas. Uma, para satisfazer o que devia á familia onde estava hospedada, pedindo perdão da sua morte e explicando que não se suicidara em casa, para não assustar as creanças. Outra, para o infiel, contendo um adeus altivo e ameaçador. A terceira, explicando a ameaça. N'essa, a infeliz pedia que lhe fizessem autopsia, que em seguida se lavrasse um processo verbal, afim de provar aquelle que d'ella duvidara, que morria virgem, tendo sempre vivido honestamente.

*

Qual das suicidas d'out'ora se lembraria de apellar para uma tal prova? Morriam, asphixiavam-se, afogavam-se, invocando o sentimento traído.

Pertencia ao naturalismo introduzir o protesto phisico no desespero, e pedir que rasgem as entranhas para vingar o coração.

Este estranho desenlace não me desagradava. E' a poesia do realismo; é um desafio tambem áquelles que querem em tudo a carne.

Não me deterei n'essa lição de anatomia, exercida sobre esse bello corpo, abandonado á sciencia em holocausto ao amor! Por pouca moralidade que houvesse no operador, não deixaria elle de expor no seu relatorio as provas authenticas, que serão outros tantos remorsos pungentes para o calumniador.

Esses remorsos equivalerão ao *Nonne sanglante*, perseguindo sem cessar o traidor.

Recommendo esta historia authentica ás meninas do mundo ou da arte, que forem illudidas em um amor puro e casto. Esta vingança posthuma excede todas as vinganças exercidas em vida.

Os tiros de revolver, o vitriolo, não valem a apothese da innocencia pela autopsia.

Não penso, de resto, que d'este facto resulte muito trabalho para os nossos anatomistas, e não receio que este exemplo provoque muitos suicidios entre as virgens do theatro.

LUIZ ULBACH.

FATALIDADE!

Ah! qu'un premier amour a d'empire sur nous!

GRESSET.

Entremos no *boudoir* de Ophelia.

Nove horas menos dez minutos era a hora marcada pelo mostrador dourado de um bonito relógio, estylo Luiz XV, que sobrepujava a pedra do fogão.

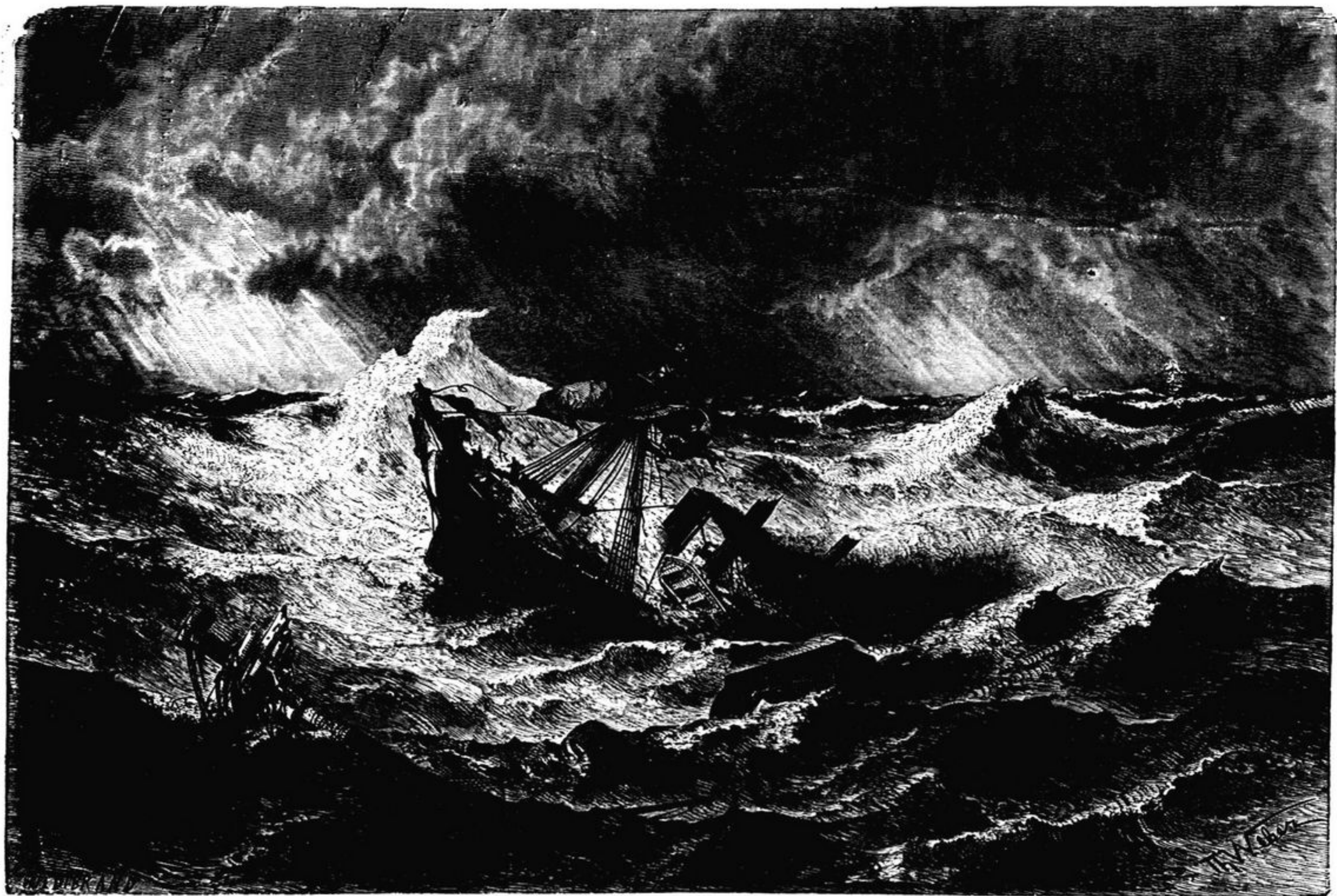
Completamente estendida n'uma *causeuse*, languida e irresistivel como a Venus Aphrodite na sua concha de nacar, Ophelia lia tranquillamente um romance de Crébillon, filho.

Era uma d'essas tepidas e serenas noutes de estio.

Pela unica janella do aposento, que se conservava aberta, entrava francamente a brisa do jardim, d'envolta com a frescura balsamica dos arvoredos e das flores.

Foi no meio de um profundo silencio que soaram as nove horas. Então, Ophelia soltou um «ah!» de satisfação, poz immediatamente o livro de parte, levantou-se, e foi consultar o espelho um soberbo artefacto sahido das fabricas de Veneza.

A nossa heroína era uma mulher encantadora, d'estas d'encher a menina do olho, como se costuma dizer, e a quem poderiamos chamar perfoita, se n'um ser humano esta palavra apenas fosse funcção da esthetica material. De facto, nada mais elegante que a *silhouette* do seu corpo airoso e ondulante como as roscas de uma cascavel, com exuberancias de carne jaspea, moldada segundo os mais aphrodisiacos contornos. Nada mais entontecedor que o olhar humido e lascivo d'aquelles olhos pretos e luminosos, onde faiscava a scintilla das organisações ardentes,



UM DESASTRE NO MAR

que ella por vezes sabia esmorecer com a trama sedosa dos seus longos e recurvados cilios.

Os cabellos da côr do ebano e de um lustre setineo, frisados na testa, amontoavam-se-lhe na nuca em desalinho do mais artistico gosto, emoldurando uma fronte diabolicamente galante, onde a natureza pozera os tons nevados do lirio, e o vicio a desenvoltura *canaille* das mundanas de alto cothurno.

Vestida de um modo provocante e com um gosto muito seguro, a sua *toilette* branca, enfeitada a rendas cremes, com scintillações de diamantes e perolas, dava-lhe o aspecto vaporoso e imponderavel d'essas pequeninas nuvens que costumam fluctuar pelo azul diaphano das tardes de verão.

Tal era a mulher que, defronte do crystal veneziano, estudava... a melhor maneira de parecer mais formosa. Exactamente no momento em que ella terminava os seus preparativos, compondo uma ultima madeixa de cabello, ouviu-se um toque de campainha.

—*Elle!*... exclamou, com aquelle mesmo tom de satisfação que lhe notámos ao darem as nove horas.

O reposteiro, correndo-se de manso, descobriu a estatura miudinha de Julieta, a creada de quarto, que aguardava as ordens de sua ama.

Esta fez um gesto significativo e a creada desapareceu.

Passados momentos o reposteiro corria-se de novo, para dar passagem ao feliz mortal por quem esperavam os braços acariciadores e os labios frementes de uma mulher formosa.

Aquella feliz mortal era uma creança de dezeseite annos, loura, admiravelmente loura!

*

Chamava-se Carlos, ou por outra, Carlinhos, como familiarmente o tratavam.

Quando elle estava no collegio, era uma d'essas creanças doces e melancolicas, que possuem no sorriso e no olhar o segredo de uma attracção espontanea.

Nascera fadado para as musas.

Muitas vezes á hora da recreação, enquanto os seus pequenos condiscipulos corriam pela vasta cerca em revoadas alegres e ruidosas, elle deixava-se ficar junto da carteira, a sós com a sua phantasia doudejante e, guiado pelos vôos aereos das suas illusões e dos seus devaneios, escrevia n'uma larga folha de papel uma estrophe ou um pensamento, composições muito simples na forma, mas onde já se notavam os primeiros lampejos de uma excellente vocação artistica.

—

Um dia, estava-se então em plena quadra balnear, viu Ophelia.

Era a hora do banho, e a encantadora creatura, á semelhança das naiades, espreguiçava-se graciosamente no dorso irisado das vagas.

Aquella formosura tão cheia de seducção sobresaltou o pequeno artista.

Apóz o sobresalto veio a fascinação, e apóz a fascinação o amor.

Elle amou-a com toda a candura virginal das suas dezeseite primaveras, com toda a impetuosidade d'esse primeiro amor tão descripto por poetas e romancistas.

Viam-n'o na praia, no passeio, no theatro, por toda a parte onde elle podesse encontrar a sua *casta* Ophelia, para quem sempre tinha um olhar ardente, uma phrase meiga e insinuante, um bouquet de perfumadas violetas, que era o portador dos seus inspirados madrigaes! Desvairado!... Ia entregar o seu coração e os seus versos a uma Phryné sem entranhas, triste apanagio do vicio, em quem elle veria talvez, lembrando-se dos amores de Camillo Desmoulins, cuja historia léra algures, o character estoico e amoroso de uma Lucilia Duplessis!...

Mas vão lá dizer ao cego que pare deante do sorvedouro que o vai devorar!

E o Carlinhos, aquelle recém-egresso do collegio, tinha a cegueira da sua inexperiencia, e o sorvedouro nos olhos pretos e veludinosos de Ophelia!

Outros, profundos conhecedores das miserias humanas, têm cahido em mais arriscadas situações!

—

O coração da mulher é e será sempre um mysterio impene-travel, especie de boceta minuscula, onde se accumulam contradicções e anomalias que, por sua natureza, estão fóra de qualquer inducção psychologica.

Ophelia, ou porque já não podesse aturar o pigarro caustico e os amoricos serodios dos *veteranos* que de continuo lhe gravitavam na orbita, ou porque realmente cedesse á influencia attractiva do moço Carlos, o certo é que o escutava com as maiores demonstrações de prazer. Achava infinita graça áquelle idyllio, como ella dizia.

A' sembra dos platanos frondosos, no seio da paisagem im-

pregnada de um bucolismo doce e idyllico, a que vinha juntar-se os echos longinuos do oceano, gostava de ter mui junto a si aquelle rapazote louro, cheio de mocidade e frescura, que lhe fallava de amor em phrases quentes, repassadas da ternura e meiguice.

Aquellas sensações tinham para ella todo o encanto do desconhecido, aguilhoavam-n'a como tudo o que era novo.

Mas, ail' essas sensações iriam diminuindo gradualmente, viria depois o tedi'o, o fastio, e o ingenno adolescente seria lançado á margem, tudo isto porque, como disse o grande Shakspeare—*«a mulher é como a onda!»*

O Carlinhos foi pois o amante effectivo de Ophelia.

A noticia d'esta nova excentricidade da formosa peccadora, deu brado na alta bohemia alfacinha.

E ao passo que por toda a parte se fallava no estranho caso, Ophelia exultava de prazer, porque ao mesmo tempo que satisfazia um dos seus mais agradaveis caprichos, via augmentar a sua celebridade.

Entretanto, o Carlinhos, ao transitar pelas ruas da baixa, via-se olhado pelos aperialvilhados dos *trottoirs* e não raras vezes lhe chegava aos ouvidos a seguinte phrase proferida em tom de mordaz ironia, que em muitas boccas era a mascara do despeito:

—Alli vai o *petiz* da Ophelia!

Carlos ruborisava-se, estugava o passo, muito compromettido, muito desejoso de se sumir pelo chão abaixô, á maneira dos demonios das magicas!...

*

Posto isto, podemos voltar ao começo do nosso conto, no momento em que Carlos entrava no *boudoir* da amante, servindo-nos desde já do seguinte meio como véo discreto, destinado a encobrir tudo o que se passou na primeira hora, consagrada ás effervescencias do amor.

.

Os dois conversavam gravemente, Ophelia meia deitada no macio divan, em attitude languida de concubina oriental, Carlos sentado n'uma cadeira, a loura cabeça apoiada sobre os hombros lacteos da amante.

—Isto assim não vai bem, dizia ella. Ha dois dias que noto em ti o quer que é de singular. Realmente começa a sêr um *Bibi* insupportavel...

—Eu, ... singular... insupportavel... Declaro-te que não comprehendo!

—Na verdade é bem falto de caco o menino!... Vejamos, não tenho eu sido demaslado franca para contigo?...

—D'accordo. Mas creio que o mesmo dirás de mim!

—Quem sabe?!...

—?...

—Escuta. Ainda esta noite, ha talvez meia hora, tu emmudeceste subitamente, sem se saber como. Davas visiveis mostras de uma preocupação qualquer, e pareceste-me muito sombrio. Logo que me expliques a causa d'esse mysterio, terei a certeza de que és digno da minha affeição!

Carlos estremeceu ligeiramente. Ao olhar profundamente inquisitorial de Ophelia não escapou, porém, este movimento!

—Isso não passa de scisma, minha bella!... respondeu elle em tom alegre, se bem que um pouco contrafeito.

Quem pode estar triste, ao revêr-se no brilho de uma estrella como tu!... Que outra preocupação posso eu ter, a não ser o receio de perder o teu amor?!...

E depois, animando-se pouco a pouco:

Vamos, minha louquinha, deixa-te de falsas supposições e escuta o conselho que te dou: Manda trazer a ceia, quero mais uma vez beber aquelle precioso *lacrima-christi* com que tantas vezes temos brindado á eternidade das nossas relações!... Eial se a vida é o amor, vivamos só para elle!...

E enlaçando o pescoço de Ophelia, n'um verdadeiro transporte de paixão, beijou-a ardentemente na frente e nos cabellos.

—Oh! heide saber o que elle me occulta, disse ella de si para si.

E dirigindo-se ao *guéridon*, fez soar um *gong* chinez, brinde de um amante que passara á *inactividade*.

Ao som argentino desferido pelo instrumento, accudiu Julieta.

—O Francisco que traga a ceia!

Momentos depois, os dois amantes sentavam-se deante de uma mesa lautamente servida, e Ophelia dizia ao Carlinhos, apontando graciosamente para o vaso de crystal onde o *lacrima-christi* scintillava á luz crua do gaz, como um grande topazio desfeito:

—Alli tens a tua ambrosia favorita...

Oh! é na verdade um nectar divino, e que nós esgotaremos, até á ultima gota, não é verdade, meu querido?...

*

A idéa de Ophelia era embriagar Carlos, para assim conseguir a revelação do segredo que o mancebo insistia em occultar-lhe.

Este velho estratagema não produziu, porém, o effeito de-



NA LOJA DO SAPATEIRO

sejado, porque o adolescente pode resistir ás astutas insinuações que a sua commensal desenvolveu, no innocente proposito de o fazer dar á lingua.

Esta contrariedade irritou-a, como tudo o que a incommodava quando queria obter uma cousa qualquer.

Por isso, e como o desejo de querer penetrar o mysterio re-crudescesse em rasão d'essa mesma contrariedade, ella voltou a carga nos dias subsequentes, sem todavia tirar melhores resultados.

Entretanto, o Carlinhos tornava-se de dia para dia mais pensativo, mais melancolico, se bem que junto da amante elle tentava disfarçar o verdadeiro estado da sua alma com os pallidos reflexos de uma alegria puramente ficticia.

*

Uma manhã, o correio trouxe para Ophelia a seguinte carta:

—Ophelia—meu unico amor

Eu não queria dar a conhecer-te o pesar intimo que me ensombrava o espirito, consumindo-me a vida. Pensava que a negra historia dos meus infortunios iria ennevoar o horisonte radio-so da tua ventura e que eu seria muito cruel fazendo-te participar de amarguras que o destino só para mim reservara.

Se, acabrunhado pela dôr, sentia que as consolações me deviam fazer bem, não me era comtudo permittido pedil-as ao teu affecto sob o preço das tuas lagrimas. Ah! se eu um dia te visse chorar!...

Mas... agora tudo mudou! E' preciso que saibas quanto soffri para que possas medir a intensidade do sentimento que em mim soubeste inspirar!

Bem sei que esta minha confissão te vae magoar, mas que queres... tenho a cabeça n'um cahos e nem já sei o que penso! Vê em mim um desesperado, não um egoista e... perdôa-me!...

Meu pae, como já sabes, foi um banqueiro poderoso que desgraçadas emprezas conduziram á ruina.

Um dia, hade haver mez e meio, chegou-se a mim e disse-me pouco mais ou menos o seguinte:

Carlos, teus avós legaram-me uma avultada fortuna, que as contingencias da sorte não permittiram que viesse um dia a pertencer-te. Deus sabe os esforços que empreguei para que tal não viesse a acontecer, mas o destino, que é sempre irrevogavel nas suas decisões, foi superior á minha vontade. Hoje sou a sombra do que fui, pois da minha passada opulencia apenas me resta um rendimento exiguo, o necessario para não morrermos de fome. Alem d'isso estou velho, cançado, e o que é peor, moralmente morto... Mais dia menos dia tudo se acabará e tu ficarás orphão. Como, porém, não desejo que me acompanhe ao outro mundo o remorso de deixar os meus vindouros a braços com a miseria, resolvi cazar-te.

A noiva que te destino é nova, formosa, ama-te apaixonadamente e possui um dote de cem contos de réis, bello ponto de partida para um homem se tornar muitas vezes millionario. N'uma palavra, é mademoiselle Elvira..., tua companheira de infancia! Creio que applaudirás a minha escolha e espero que não porás nenhum obstaculo á livre execução da vontade de teu pae.

Ah! minha Ophelia, o estado em que eu fiquei quando meu pae terminou a sua longa pratica é indiscriptivel!...

E' que cada uma das suas palavras acabava de me trespassar o coração como o bico acerado de um punhal!... Encostara-me a uma parede e debalde tentava conciliar uma idéa, articular um som!... Estava petrificado! Depois de alguns minutos tornei então a mim, e ajoelhando aos pés de meu pae, chorei, suppliquei, disse que era ainda muito novo e que desejava gozar, durante alguns annos mais, a liberdade de rapaz solteiro.

Tudo foi em vão! De mais conhecia eu meu pae para não saber que a sua vontade era indomavel!

Não obstante luctei até ao fim, tentando aluir aquella implacavel barreira que subitaneamente se interpunha entre a nossa felicidade.

Lucta improficua, que só devia trazer-me o desanimo e com elle o desespero!...

Hontem, meu pae disse-me seccamente:

«—A' manhã realisar-se-hão as escripturas do teu casamento!»

Era pois fatal!... Tinha de ligar o meu destino a outra!...

E essa outra, ai de mim! era uma virtuosa menina, uma companheira de infancia, a quem tributo fraternal affeição, mas que jámais despertaria em meu coração um só echo amoroso!

Ella julgar-se-hia uma infeliz e eu um desgraçado!...

Não seria mil vezes melhor a morte do que os tormentos d'esta vida impossivel?...

Oh! sim, a morte é a unica sahida que encontro no dedalo para onde a fatalidade me arrojou, é a cessação da dôr, o vacuo do nada, a tranquillidade eterna!...

ca que pode salvar-me! Quando receberes esta minha ultima carta, terei deixado de existir!

Despeço-me do mundo sem magua, levando apenas a saudade de te perder e a ineffavel consolação de ter offerecido o meu sangue em holocausto ao nosso amor!

Não te direi—adeus,—mas—até um dia, na eternidade! Só lá seremos felizes!... Lembra-te sempre de mim, e perdoa-me. oh minha doce Ophelia!

Carlos

O infeliz moço tinha dezeseite annos e uma alma ardende... Uma bala de revolver fez o resto!...

*

No dia seguinte, o enterro, um enterro modesto, sem espalhafatos de pompa.

Um carro funebre, a sege do sacerdote e meia duzia de trens que conduziam os amigos intimos do velho banqueiro, era tudo o que compunha o lugubre cortejo.

Cahia uma chuva meuda e fria, e o indigena, o mirone das ruas, que tem visto funeraes de espavento, onde mais do que o lucto, predomina a vaidade, apenas se dignava lançar um dos seus mais indifferentes olhares para aquelle simples cortejo, tragico epilogo de um drama intimo!

Mais tarde, no cemiterio, quando todos os convidados se tinham já retirado, uma mulher que ninguem vira, elegantemente vestida de preto e com o rosto coberto por um véo, abeirou-se do tumulo onde repousavam os restos mortaes do desditoso Carlos, e ali se conservou, ajoelhada, durante muito tempo, chorando amargamente e em silencio.

Aquella mulher que, entregue á mais viva dor, regava com lagrimas a lapide fria de uma sepultura, era muito conhecida no mundo galante, onde tinha um nome de guerra.

Chamava-se Ophelia!

A cortezã chorava! O que quereriam dizer aquellas lagrimas?...

Talvez o desafogo de uma saudade! Talvez o grito de um amor ferido! Talvez o arrependimento de uma falta!...

DUARTE CID.

CHRONICA DOS THEATROS

SUMMARIO:—Apresentação—Estreia de Ferreira da Silva—
No Colyseu

Antes de começar a minha primeira *Chronica dos theatros*, devo dizer a quem esta nova secção é particularmente dirigida.

E' a ti, sobretudo, querida leitora da provincia, que vives na tranquillidade simples da tua consciencia impolluta, é a ti que eu dirijo estas linhas desprezenciosas e alegres, sem preoccupações no esmaltado e na correcção de forma.

Chega o inverno. E emquanto Lisboa, esta caprichosa e petulante creaturinha, começa a mostrar os seus decotes que se marmorisam á luz branca das gambiarras, tu, minha gentil provinciana, que vives affastada d'este bulicio perverso, começa a approximar-te da brazeira acariciadora e confortavel, passando as noites n'uma immobidade de estatua, compondo e recompondo esses palacios chimericos da tua phantasia immaculada.

Então, n'essas noites d'invernia, emquanto o vento desatando as tranças do arvoredado, começa a entoar as suas ladainhas um tanto funerarias; então, n'essas noites frias e luctuosas, a minha chronica ha-de ir conversar contigo, emquanto os teus dedos afilados e brancos forem agitando as agulhas de marfim do teu *crochet* rendilhado e caprichoso como os florões de uma janelle gothica.

*

O acontecimento mais notavel da semana passada, (socegum que não vou fallar do casamento da filha do sr. Marcos), foi a estreia de um novo actor no theatro de D. Maria.

Alfredo Ferreira da Silva é um rapaz sympathico e distincto, que trocou o seu curso universitario pela carreira theatral onde acaba de mostrar as qualidades superiores do seu talento, que o não farão arrepender da resolução que tomou.

Na nossa sociedade retardada e praxista, como uma velhota impertinente que ouve missa todos os dias e ainda acredita no regresso do senhor D. Sebastião; na nossa sociedade, dizia eu, peza ainda um preconceito, muito natural ha um seculo, mas completamente deslocado no anno de 1886 da era de Nosso Senhor Jesus Christo.

Em virtude d'esse preconceitos, os actores são considerados, como artistas inferiores, e o que é mais: como homens de vida estragada, indignos da nossa convivencia particular.

Pois bem, minha adorada Ophelia, tenho formada a minha resolução! E' triste, é covarde, é sacrilega, bem o sei, mas é a uni-

Chegou mesmo a adoptar-se um nome com que os classificam: chamam-lhes *comicos*.

Isto tem uma certa razão de ser para com alguns artistas dramaticos, inferiores no talento e no caracter.

Mas fazer-se uma regra geral, que abranja todos os nossos actores, é um absurdo, francamente.

Mais ainda: chega um artista estrangeiro, por exemplo, a sr.^a Theodorini, e não só os nossos *dilletanti*, mas inclusivamente a *vieille roche* da nossa aristocracia, vai-lhe deixar o seu cartão de visita.

O mesmo não acontece com os artistas portuguezes.

E agora pergunto eu: haverá razão para receber tão amavelmente os actores estrangeiros, enquanto se tratam com tanta indifferença os actores portuguezes?

Não, positivamente não: mas o que é certo é que o preconceito existe.

Todos estas reflexões veem a proposito da estreia de Ferreira da Silva, para frizar bem o esforço e a energia que é necessaria, para quem nas suas condições resolva libertar-se d'essa complicada rede de preconceitos, para seguir despreocupadamente, com a cabeça levantada, as tendencias naturaes da sua intelligencia artistica.

O novo actor, que é meu contemporaneo de Coimbra, debutou com o *Desquite*, comedia em verso, traduzida por Jayme de Séguier.

O *Desquite* é um *lever de rideau*, fino e galante, cheio d'essas situações engenhosas e ao mesmo tempo de um desenlace facil mas imprevisito, como é preciso n'este genero de comedias ligeiras.

Ferreira da Silva apresentou-se muito bem, dizendo fluentemente o verso, sem exaggeros nem descomedimentos de entoação.

Tem uma bella figura, uma voz bem timbrada, e uma distincção de maneiras, mais vulgar nos salões da nossa *élite*, que nos palcos dos nossos theatros.

Rosa Damasceno fez adoravelmente o seu papel de Elisa, essa rapariga exaltada e leviana, dizendo com graça e correcção aquellas graciosas futilidades d'uma galanteria encantadora.

Quando o panno cahio, Ferreira da Silva foi munto festejado e applaudido, encetando assim uma carreira que o torna responsavel de um futuro brilhante e glorioso.

Eu, que o conheço ha muito, dou-lhe o que lhe posso dar: o logar d'honra da minha chronica modesta e desvaliosa.

Na apreciação que fiz do seu trabalho, não me cegou a amizade que lhe tenho: fui sincero.

E é com essa mesma sinceridade que eu o abraço com o meu entusiasmo de amigo e de admirador.

* * *

No Colyseu apresentou-se ha dias um tal mr. Serni, que empalma uma mulher com a mesma facilidade com que o *Terramoto* é capaz de empalmar o relógio e a bolsa de qualquer provinciano inexperiente.

Afirmaram-me hontem que um sujeito que não vive em muito boa harmonia com a sogra, foi procurar mr. Serni, offerecendo-lhe 7:000\$000 réis em troca da revelação d'aquelle segredo magico.

Não respondo pela verdade. Mas o que eu ouvi foi o dialogo seguinte:

—Como diabo será aquillo feito?

—Não sei.

—Quantos davas tu para fazer o mesmo?

—Também não sei: mas aqui para nós, antes queria ser o Serni do que ter escripto os *Lusiadas*...

Tableau!

E. DE C.

AS NOSSAS GRAVURAS

FRANCISCO SIMÕES CARNEIRO

O homem de quem hoje damos o retrato, e que é um dos mais conceituados, honestos e bemquistos membros da respeitavel classe commercial de Lisboa, deve ao trabalho a que consagra um culto fervoroso, e á probidade que foi sempre a sua divisa austera, a posição a que soube elevar-se.

Francisco Simões Carneiro não nos apresenta outros pergaminhos, nem tão pouco precisou d'elles para abrir caminho através das difficuldades da vida e das luctas da existencia. A religião do trabalho em que se inspirou, o culto austero do dever e uma perseverança inquebrantavel, que é a arma do effeito infallivel d'estes luctadores intemeratos, elevaram-o o não sómente á

posse de uma fortuna opulenta, mas também á estima e consideração de todos os homens honestos.

O honrado commerciante e industrial é filho de um pobre e obscuro operario da Varzea de Goes, comarca de Arganil. Ali nasceu Francisco Simões Carneiro, aos 4 de maio de 1826, e ali passou os primeiros annos da sua vida, empregando-se nos rudes trabalhos do campo. Aos nove annos de idade deixou a casa paterna para vir procurar fortuna em Lisboa. O pobre rapaz entrou n'esta grande cidade completamente desprovido de recursos—*com seis vintens na a'gibeira*—como elle proprio ainda hoje conta, com um bocadinho de legitimo orgulho.

A fortuna compraz-se muitas vezes em coroar os esforços energicos d'estes luctadores. Apoz longos annos de privações e soffrimentos, Simões Carneiro conseguiu alcançar uma abastada mediania, que lhe permittiu desenvolver em larga escala as suas aspirações industriaes e centuplicar um capital ganho á custa dos robustos esforços da sua admiravel perseverança.

Enriqueceu; mas como a riqueza não era o unico alvo a que aspirava, Simões Carneiro não procurou nos seus opulentos recursos o bem estar e a commodidade que elles lhe poderiam proporcionar.

O trabalhador continuou firme no seu posto, todo entregue á sua obra que a prosperidade não conseguiu fazer cessar. A riqueza não lhe modificou o caracter. Simões Carneiro, o industrial feliz e riquissimo, continuou a ser o mesmo trabalhador incansavel e modesto dos dias, em que, arrostando com as difficuldades da vida, a sua energia e persistencia lhe aplanavam o caminho da fortuna e o faziam triumphar de todos os obstaculos.

Foi ao meio da sua lide commercial, á obscuridade da sua vida de trabalhador honesto e desprezencioso, que a politica foi perturbar este plebeu illustre, cantando-lhe a canção diabolica da celebridade e das honrarias. Simões Carneiro não soube ou não pode resistir ao canto da sereia, e eil-o embrenhado na politica, sacrificando-lhe as suas horas de trabalho, a tranquillidade do seu viver obscuro e o legitimo orgulho da sua origem plebeia, dourada pelos sorrisos da fortuna. Tão infeliz como todos os outros que trocam a tranquillidade da sua existencia obscura pelas agitações e cuidados da politica. Simões Carneiro viu a sua origem plebeia discutida e ridiculisada por adversarios pouco generosos, e a sua vida de trabalhador honrado citada a cada passo como uma affronta.

Esses foram os espinhos da sua carreira politica. Em compensação, porém, o bello caracter de Simões Carneiro teve largo ensejo de publicamente affirmar a sua inteireza e energia, exactamente nas situações mais difficeis em que tantos outros se sentem desfallecer. Como vereador da camara municipal de Lisboa, deixou o nome vinculado a muitos dos melhoramentos publicos da cidade; como deputado progressista, representante de um dos circulos da capital, a sua attitude na camara, por occasião da votação do tratado de Lourenço Marques, que Simões Carneiro honradamente regeitou, não hesitando em obedecer á sua consciencia, apesar das suggestões das conveniencias partidarias, dá a medida da honestidade do seu caracter e da firmeza das suas convicções.

UM DESASTRE NO MAR

A nossa gravura representa o vapor-transporte francez, *Amazon*, por occasião de apanhar um cyclone no mar largo, que lhe arrebatou as velas e o leme, que lhe partiu os mastros e as vergas, e lhe produziu graves avarias na machina.

Este deploravel acontecimento deu-se ha annos, a 120 leguas das Bermudas, e ficou celebre nos annos dos sinistros maritimos.

Sem leme, sem mastreação, só com o auxilio da machina, e essa avariada, o *Amazon* boiou seis dias no mar, para aportar a Porto-Rico.

Caso estranho e notavel: n'este pavoroso sinistro morreu apenas um homem!

NA LOJA DO SAPATEIRO

Nunca elle, em sua vida,—o mestre sapateiro da nossa estampa—se demorou tanto tempo e de tão bom grado, a tomar medida d'umas botas a qualquer fregueza.

E' que esta tem, para cima do pésinho torneado, uns deliciosos contornos que merecem ser bem estudados e medidos.

Eis a razão porque elle poz os oculos das occasiões solemnes e permanece embasbacado diante d'aquella formosura nunca vista.

O aprendiz—um gaiato de marca—acompanha o mestre na minuciosa analyse, e toca-lhe de vez em quando nas costas, com os nós dos dedos, assim como quem diz:—E que tal, hein? D'essa medida, ainda não appareceu por cá outra!

TYPOS DA ASSINIA

O territorio da Assinia, na costa d'Africa, está ligado á Fran-



TYPOS DA ASSINIA

ça por velhas tradições. Ha ali uma feitoria franceza, creada no reinado de Luiz XIV pelo cavalleiro Amon. Esta feitoria está situada n'uma especie d'ilha e é defendida por um forte.

O territorio da Assinia é separado do dos Ashantis pelo territorio d'um chefe independente, que vive na aldeia de Asephi, a tres dias de viagem de Comassia. A sua capital é Krinjabo.

A nossa gravura representa do's indigenas d'aquella região africana. São altos, musculosos e valentes. Usam larga tanga, como unica peça de vestuario, braceletes de marfim e collares de coral.

FRÉDÉRIC ARCHER

Este famoso jockey, rival do celebre Fordham e do grande French, suicidou-se ha pouco mais de um mez, no seu domicilio de Newmarket, disparando um tiro de revolver na cabeça.

Frédéric Archer, o mais afamado jockey de Inglaterra e do mundo inteiro, era filho de Willam Archer, jockey de *steeple-chase* de Cheltenham, e nascera em Prestbury a 11 de janeiro de 1857.

Ganhov, em toda a sua vida, a *bagatella* de 2:749 corridas. Entre os premios conquistados pelo seu talento, contam-se cinco Derby, seis Saint-Leger e tres grandes premios de Paris.

Além das suas aptidões, de seu tacto, do seu grande conhecimento do terreno, Archer tinha uma qualidade indispensavel n'um jockey: pesava pouco. Apesar d'isso, era muito musculo e muito forte.

Diz-se que o celebre suicida deixou uma fortuna de doze milhões de francos, dos quaes, cinco, foram ganhos ao serviço do duque de Westminster.

CONTOS BEIRÕES

Historia de um pobre

(A Eça de Almeida)

Um valente e desempenado rapaz, aquelle Jose Cantoneiro. Conheci-o, desde creança, no labutar das ceifas, debaixo do *soalheiro* implacavel dos restolhos loiros, nas descascas ao luar de Agosto, nas lagaradas, nas dansas, rijamente batidas, das romarias, robusto como uma carvalheira, bondoso e alegre, d'essa alegria communicativa e heroica dos fortes. Um beirão ás direitas.

Contavam-se d'elle prodigios de valentia. Nada de farçolices, mas, sendo preciso, com um bom marmeiro ferrado nas unhas, elle afrontaria uma feira em pezo.

Voltou á terra quando o passaram á reserva, e poucos mezes depois, recebeu a Chiquita, a creada de dentro da Morgada, — aquella morena galante e franzina, que trouxera tanta vez ao collo, em pequena, e a quem dedicára, já de creança, uma d'essas fundas afeições de natureza extrema e amavel.

—Mãos á obra, nada de malanguices, que os pequenos não tardariam a apparecer pela casa, boccas abertas, como o raio dos pardalitos!

E, antes do sol nado, já'elle estava a pé, jungindo, a cantarolar, ao carro, ou ao arado, o *Castanho* e o *Moirisco*, — a sua herança e a sua riqueza.

Como era bom trabalhador e honesto, não tinha mãos a medir.

—Carregadita, carregadita a vida, mas, emfim, com a ajuda de Nosso Senhor...

N'um anno, porém, a malina levou-lhe, d'um dia para o outro, a junta, e, se não fosse terem-lhe arranjado, pelo voto n'umas eleições, o logar de cantoneiro, a pobre gente morreria para alli de miseria e de desconforto.

Ainda por cima, todos em casa com as maleitas...

* * *

Lembra-me como se fosse agora. Voltava da cella do Padre mestre, uma manhã, corado da *licão*, os classicos atados com uma fita vermelha, e os ouvidos cheios de syllabas latinas, masculas e sonoras como uma proclamação de batalha.

Comovera-me não sei que passagem de Virgilio, e, em vez de ir direito a casa, cortei á esquerda, pelo caminho velho do rio, todo sombreado de giestas e tojeiros cõr d'oiro.

Bonito dia de primavera. O ar transparente, muito ligeiro; a terra humida, cheia de estevas, de urgueiras, de margaças em flôr.

Ao longe, a Estrella, d'um azul diaphano nas chapadas, prateada ainda nas cumieiras, pelos restos dos nevões do Natal.

O rio, engrossado pelas ultimas chuvas, remugia lá em baixo, no açude.

Aqui e alli, aldeias, entre os castanhaes e os pinheiros, fumegavam...

Chamaram-me. Ao voltar-me, dei de cara com o José Cantoneiro, atolambado, os olhos muito pisados e estranhamente vivos.

—Eu já sabia da sua desgraça. Um mandão da terra tinha-lhe tirado o logar, por causa d'uns murros que o rapaz dera, nas famosas eleições.

—Adeus, José. O afilhado e a comadre?

—Agradecido ao menino. Vão indo, coitadinhos...

E, ao apertar-lhe a sua pobre mão callosa, as lagrimas represadas saltaram-lhe pelas faces morenas, duas a duas, dos seus grandes olhos castanhos de mosarabe.

—Vou embarcar p'r'o Rio. Os do outro partido foram arriba, e pozeram-me fóra... Cá os pobres, menino, em se enchendo de *flharada* pequena, é mesmo de cortar a alma. Tudo aquillo a querer encher a barrigueta, e a gente sem côdea de brôa em casa... Vergonha de pedir... A mulher a finar-se a fogo lento... Deus parece que é só p'r'os ricos, menino!

E, depois de me levantar nos braços e de me apertar muito contra a arca rija do peito, vi-o tristemente descer a ladeira do rio, talvez á procura d'alguns peixitos para a ceia, abafado de soluços, a face crispada, e murmurando:

—Raios partam a minha negra sina!

Ah! meu pobre rapaz, nunca mais esquecerei a mimica poderosa do teu sofrimento, que foi, para mim, meia revelação! Que differença entre a tua dor profundamente humana, e a d'esses personagens de nobres attitudes e de phrases soberbas, que, no latim do bom padre mestre, me haviam impressionado tanto! Ah! A vida era outra coisa!

* * *

Durante tres annos, poucas cartas vieram do Brazil.

Vergonha, talvez, de não poder mandar senão umas pobres economias que para nada chegavam.

Aquella é que não nascera n'um folle, e, já agora, não sahiria da cepa torta, embora moirejasse como ninguem.

Na ultima carta, muito saudosa, que a mulher me pediu para ler, dizia que viria breve e perguntava se os pequenos haviam medrado muito. —benza-os Deus! —se se lembravam do pae.

—A febre andava por lá, mas nada de agonias que elle era féro.

A Chiquita é que definhára muito. Quasi a não reconheci, n'umas férias, tão pallida e tão magra andava!

Chorava muito.

—Que não tornaria a ver o seu José... Ah! e os seus ricos filhinhos que os levava mesmo atravessados na alma!

* * *

Ao voltar, muito envelhecido e doente, só encontrou, da sua familia, a sogra tecedeira e os quatro pequenos. Ia-lhe estalando o coração, de dôr.

Pobre como fóra!

—Vá lá, por causa das creanças, viveria. *Aldemenos* sempre lhe iria arrançando a migalhinha do pão. Pobre mulher! Ah! mas Deus... Deus é que *par'cia* ser só p'r'os ricos!...

Mangualde.

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS NOVISSIMAS

Esta nota é generosa, porque pega—1—1.

Nota este quadrupede, que corre—1—2.

Aqui, este appellido é animal—1—2.

J. A. COELHO.

Na musica, este rio é planta—2—1.

Este rio dos campos está nas estradas—1—2.

Aqui, este instrumento é cidade—1—2.

Este homem é peixe e planta—1—2.

Leiria

ANTONIO DE SOUSA BENTO.

CHARADA EM VERSO

Não é d'estrannhar
Que eu nota lhe dê,
Mas... queira esperar,

Não sabe porque?
Prima ha de trocar,
—Letras já se vê!—1

Sem nada trocar,
—Creia não é manha—
Crente póde estar
Que por certo apanha,
—Se bem procurar—
Cidade d'Hespanha—3

Queira desculpar
Mas, para moer,
Para mais ra'ar
Só lhe hei de dizer:
Se a prima trocar,
Segunda ha de vêr.—4

Tão simples charada,
E' preciso um mez
P'ra ser decifrada;
E d'ahi... talvez
Seja adivinhada
Com mais rapidez.

MATHEUS JUNIOR.

CHARADA EM QUADRO

—	—	—
—	—	—
—	—	—

N'esta mulher

E n'este pequeno rio

Ha uma ave

I. A. COELHO.

Logogripho

(Em acrostico)

Precisa leitor, d'este vegetal?—3, 5, 2, 4, 3
P
lhe, procure-o bem n'esta cidade—5, 2, 4, 4, 1, 6
O
vel-o-ha proximo d'um animal.—4, 6, 5, 3, 7
L
ambem já o teve esta divindade.—5, 3, 4, 7, 6
E
qual o transformou em mineral.—1, 2, 5, 6, 5

Genero de plantas, haveis d'achar.—6, 7, 2, 4, 6, 5
G
io do Brazil, ficae convencido.—3, 4, 6, 7, 4, 5
R
se formosa ave lhe juntar.—3, 5, 4, 4, 7
E
eneral outr'ora muito temido—3, 7, 6, 7, 6
C
btem, se acaso procura no mar.—3, 5, 6, 7, 4

P'ra o todo saber,
E' claro, evidente,
—Como haveis de vêr—
Que basta somente
O acrostico lêr.

Enigma

S, + a A ^{VOZ} Q burro z Z

MATHEUS JUNIOR.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Antilopes—Vieira—Safio—Uja—Paca—Marcha—Socairo.

DAS CHARADAS EM VERSO:—Retribuir—Cucioferas.

DA CARTA ENIGMATICA:—Gabriel Vasco de Freitas Monchique.

DO ENIGMA:—Modelado.

A RIR

Entre um noivo escrupuloso e o objecto amado:
—Minha querida, antes de ser teu marido, devo confiar-te um segredo, um terrivel segredo.

—Qual é?

—Eu tenho... dentadura postica...

A noiva solta nm grito de horror.

—Mas não te assustes: eu tenho isto de nascença!

Falla-se de cartas anonymas.

—São cartas—diz um—que toda a gente digna deve desprezar.

—Perdão, intertempe Calino sentenciosamente; isso depende da pessoa que as envia.

Em policia correccional:

O juiz:—Quaes são os seus meios de existencia?

O accusado:—Não são nenhuns, sr. juiz, porque não preciso d'elles. Exerço a profissão de jejuador.

UM CONSELHO POR SEMANA

ESSENCIA DE SABÃO PARA AROMATISAR BANHOS

Sabão branco, raspado, 72 grammas; agua, 400 grammas; agua-ardente, 200 grammas; carbonato de potassa, 3 grammas; essencia de bergamota, 3 grammas

Dissolve-se. 125 a 400 grammas d'este liquido, basta para aromatizar um banho.

NOVA LEITURA

Hei de escrever n'um livro delicado,
—Livro feito de pétalas de flores,—
Um idyllio sereno, immaculado:
—Todo o poema gentil dos meus amores.

E, mais tarde, na pagina primeira,
N'um momento de languida alegria,
Entre os alvos botões da lorangeira,
Ha de encontral-o a minha noiva, um dia.

Mangualde, outubro de 1886.

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

A MORTE DE CESAR

No terraço de uma casa apalaçada no aristocratico bairro de Buenos Ayres, entre caixotes com laranjeiras e outras arvores dos paizes quentes, elevava-se um mastro, no cimo do qual fazia as suas ruidosas cabriolas e esgares um grande macaco.

Esta prenda pertencia a uma brazileira obesa e rica, portadora de um respeitavel rheumatismo e de um bom par de contos de réis.

O marido, que fallecera no Rio agarrado ás saccas de café, na sua casa de commissões, recommendara-lhe á hora da morte, não que se lembrasse dos parentes pobres, que elle deixára cá, mas que velasse com solicitude pelo seu Cesar—o macaco favorito.

E D. Clara não era mulher para esquecer assim, facilmente uma promessa tão solemnemente feita junto de um moribundo.

Morto o marido, D. Clara, que almejava vir pompear galas para a cidade de Ulysses, onde fóra, na sua mocidade, creada de servir, liquidou a sua casa commercial, vendeu duzias de papagaios, tucanos e outra bicharia famosa, e afastou-se prudentemente d'aquelle clima nefando, guardando, unicamente, bem contra sua vontade, o seu inseparavel rheumatismo.

Installou-se a Buenos-Ayres, n'um palacete inglez, com vasto jardim, que se parecia muito com uma chacara, e principiou a gastar desafortadamente dinheiro com medicos e boticas, na ingenua persuasão de uma cura radical de seus achaques.

Costumada á largueza da vida domestica do Brazil, D. Clara não olhava a despezas, e a sua mesa causava a admiração de todas as suas relações.

D'esta exuberancia culinaria participavam os pobres, a quem ella mandava dar, diariamente, as sobras. Adquiriu por isso, em breve, uma solida popularidade. Chamavam-lhe: a brazileira rica, a boa senhora, etc.

Velhas de chinelo á rasto, doutoras em cartomancia, prophetisavam-lhe o céo e um sorriso amavel de S. Pedro no dia em que batesse ás portas da eternidade.

A junta de parochia, a commissão de beneficencia, varios institutos de caridade e até as irmãs hospitaleiras, eram outros tantos alicerces d'esta fama de bondade que ameaçava extravazar para fóra do bairro.

A parte mais hostil e ruim da população—o rapazio, estava do lado de D. Clara, fascinado pelas diabruras do Cesar. Este habitante do sertão fazia mais barulho no sitio do que o grande conquistador romano fez nas Gallias.

Os rapazes deliravam de enthusiasmo quando conseguiam

ensinar-lhe alguma brejeirice nova, o que era facil, a poder de consecutivos offerecimentos de bananas, laranjas e outras guloseimas, que os mais audazes amarravam na ponta de uma comprida canna.

O Cesar, do alto do seu aguçado throno, dava audiencia todos os dias aos seus admiradores esfarrapados, e com olho attento aos presentes, aprendia cada dia uma nova habilidade, imitando com uma perfeição extraordinaria quantos gestos *terribles* via repetir aos seus amigos.

Os creados de côr, de D. Clara, ladinas mucambas e pretos-minas, na flor da juventude e no ardor do sangue, vinham às vezes para o terraço, arrancar a este divertimento e, julgando-se no Brazil, animavam com as suas gargalhadas francas, os garotos e o macaco. Era rir até pôr os olhos em agua.

* * *

Não podia agradar à visinhança este pedaço do Brazil, transportado por cima do Atlantico para o aristocratico bairro de Buenos Ayres, tão pacato e tão desmacacado até aquella data.

Um dia, a esposa irascivel de um general, pelo menos tão guerreira dentro do seu *ménage*, como o seu espectacular marido no campo de manobras, recebeu a visita da esposa do ministro da guerra, sua amiga intima, acompanhada de suas filhas, duas interessantes meninas de 18 a 20 annos.

Conversou-se, como era natural, da visinhança, e veio a fallar-se da brasileira e do macaco. Logo as meninas mostraram desejo de o vêr.

Encaminhou-as a esposa do general para a parte do edificio que defrontava com o terraço de D. Clara, e o Cesar viu-se repentinamente o alvo das attenções de pessoas delicadas.

Como macaco fino, poz-se de observação, por estranhar talvez os seus novos admiradores. Perguntaram as meninas, ingenuamente, se elle não fazia habilidades.

A generala, que ignorava até que ponto os bohemios das ruas tinham levado a educação de um Cesar, respondeu.

—Estes animaes são gulosos e este deve estar farto de banana. Vou mandar dar-lhe alguma cousa.

Chamou em seguida um creado e dando-lhe alguns biscoitos doces, encarregou-o de os fazer chegar às unhas do animal. O creado, que tinha observado por mais de uma vez o processo seguido pelos garotos, muniu-se de uma comprida vara e amarrando na ponta os doces, levou-os ao Cesar, que desceu como um raio pelo mastro, agarrando avidamente nos bolos e subiu de novo a devoral-os soffego.

Tinha ficado o creado com uma reserva de bolos na mão, para especular com a avidez do macaco. Assim que este comeu tudo, vendo alvejar na mão do creado mais alguns e compreendendo pelos accionados, que este lhe fazia, imitando os garotos, que não lh'os daria sem que elle fizesse das suas, deu subitamente uns gritos estridentes, e desatou n'uma serie de cabriolas que muito divertiram as elegantes senhoras.

Excitado o mammifero com as gargalhadas e obedecendo a um aceno particular do creado, encarou demoradamente com as senhoras e, repentinamente, principiou uma habilidade tão *shocking* que as meninas taparam rapidamente a cara com as mãos, a mãe recuou vivamente para dentro da sala e a generala, furiosa e vermelha como uma lagosta, mostrava os punhos cerrados ao macaco, e gritando para o creado:

—Mate-me esse cachorro!

O creado, rindo á socapa, repetia o tal gesto particular, que fazia com que o Cesar, julgando agradar à galeria, como lhe succedia todos os dias, continuasse mais entusiasmado do que nunca.

Então a generala, quasi a rebentar de colera, teve uma inspiração. Desappareceu por um momento e voltou munida de uma esplendida carabina de caça.

As visitas, comprehendendo a sua terrivel intenção, soltaram um grito afflictivo e pediram misericordia para o pobre Cesar. Mas a generala, com um gesto sublime de mulher forte, respondeu altivamente:

—Soceguem, minhas senhoras. Eu sei fazer-me respeitar.

E assomando á varanda, mettu a arma á cara com todo o desembaraço e desfechou. A generala era uma excellente atiradora e o que se chama uma mulher d'armas.

O macaco caiu como um fardo pesado, do alto do mastro em pleno terraço.

Ao estrondo do tiro, acudiram os creados e aos gritos d'elles a brasileira.

D. Clara, ao ver o seu Cesar aos seus pés, morto tão cruelmente pela generala, que assistia impassivel na varanda a esta scena, teve um arranco d'odio recalcado, d'antiga mulher do povo, contra as classes superiores, e estendendo o braço na direcção da varanda, desafogou n'uma virulentissima descompostura, como jamais se ouvira nas ruas pacificas de Buenos-Ayres.

Os creados pretos, entusiasmados pela linguagem de *sinhá* e compartes na sua legitima indignação, tomaram então um expediente formidando. Ergueram nos seus robustos braços todos os vasos de barro que enfeitavam o terraço e arremessaram-n'os d'encontro ás janellas da casa da generala, que ficaram n'um momento sem um vidro.

A garotada do sitio, acudindo ao *cheiro da polvora*, poz um verdadeiro cerco á casa da generala. Não se podia chegar ás janellas. Os creados, por ordem da esposa do general, tentaram uma sortida, mas foram rechassados pelos pretos de D. Clara que, de navalha em punho e cabeças descobertas promptas para a terrivel marrada, ameaçavam levar tudo adiante de si. Fallava-se já, entre elles, em tentativa de arrombamento, saque, violação e incendio, quando a esposa do ministro da guerra, mais prudente do que a generala, e profunda conhecedora do coração humano tanto de Portugal como do Brazil, lhe perguntou:

—Não tens em casa dinheiro em cobre e aguardente?

A generala abriu uns olhos muito espantados.

—Anda, avia-te, senão mettem-te a porta dentro.

A generala foi pessoalmente buscar estes meios de defesa, sem perceber patavina.

Então a esposa do ministro assomou á janella e encarando friamente a multidão esfarrapada, ergueu a sua fina mão elegantemente enluvada e despejou dechofre em plena rua um punhado de moedas de cobre, outro e outro.

Ao tinir do cobre na calçada, a algazarra dos garotos assumiu outro diapassão. Precipitaram-se para o dinheiro, soltando exclamações d'alegria. Os pretos, pasmados, coçavam a carapinha e olhavam de soslaio para o terraço onde estava a brasileira, inquietos por poderem abaixar-se e satisfazer os seus instinctos de rapina.

Foi n'este momento psychologico que a porta do palacio da generala se abriu e um valente creado de mesa, sobraçando um enorme garrafão, appareceu diante dos pretos e principiou a distribuir copos d'aguardente.

N'um momento, um novo coro de aclamações saudou a mulher do ministro, que se aproveitou d'esta popularidade para mandar approximar a carruagem e retirar-se.

Apenas a carruagem rodou, a generala veio á varanda e machinalmente olhou para o terraço fronteiro, onde a brasileira, de pé, com um sorriso mau, a encarava fixamente. Ia a generala a voltar-lhe as costas, quando a brasileira lhe fez um aceno, e tirando da algibeira um volumoso envelope, atirou-lh'o para dentro da sala e desapareceu.

Abaixou-se admirada a generala, apanhou o envelope e rasgou-o. De dentro saiu um maço de cartas. No meio d'ellas, vinha um retrato.

As cartas eram declarações d'amor, muito incendiarias, dirigidas pelo general á sua visinha brasileira, e o retrato era o do traidor, vestido de grande uniforme. Um bilhete de visita da brasileira, dizia estas palavras de um supremo e elegante desdem:

«Eicaram todas sem resposta.»

Estava vingado o pobre Cesar.

JOSÉ MARIA DA COSTA.



FRÉDÉRIC ARCHER